

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

---

**FERNANDA DE AGUIAR RIBEIRO PIRES**

A Literatura de Lygia Bojunga Nunes: o real e o fantástico como instrumentos de denúncia dos problemas sociais de crianças e adolescentes

---

Porto Alegre  
2013

**FERNANDA DE AGUIAR RIBEIRO PIRES**

**A Literatura de Lygia Bojunga Nunes: o real e o fantástico como instrumentos de denúncia dos problemas sociais de crianças e adolescentes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Letras – Licenciatura, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Cinara Ferreira Pavani

Porto Alegre  
2013

# FERNANDA DE AGUIAR RIBEIRO PIRES

## A Literatura de Lygia Bojunga Nunes: o real e o fantástico como instrumentos de denúncia dos problemas sociais de crianças e adolescentes

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do Curso de Letras – Licenciatura, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciada em Letras.

### BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Cinara Ferreira Pavani  
Instituição: UFRGS

---

Componente da Banca: Prof<sup>a</sup>. Gínia Maria de Oliveira Gomes  
Instituição: UFRGS

---

Componente da Banca: Prof<sup>a</sup>. Márcia Ivana de Lima e Silva  
Instituição: UFRGS

Porto Alegre, 06 de dezembro de 2013.

A ti, Pedro, meu sonho realizado de viver um grande amor.  
À Maria Luiza, por me ensinar que é o amor a única coisa que importa.  
A ti, meu filho, que ainda não carreguei no ventre, mas que desejo tanto quanto à sua irmã,  
meu imenso amor.

## **AGRADECIMENTOS:**

Aos meus pais, Cecília e Bebeto, por terem me dado a vida, me ensinado os meus primeiros valores e me dado a possibilidade de escrever minha história.

Aos meus avós, Eracy e Agenor, pelo exemplo de vida e amor: tenho certeza que vocês guiam o meu caminhar e teriam orgulho da minha determinação.

Aos meus sogros, Goréth e Pedro, pelo carinho que me deram desde sempre, por todas as vezes que se preocuparam com a minha rotina agitada de mãe, universitária e trabalhadora, ficando com a Maria Luiza para que eu pudesse descansar.

À bisavó da minha filha, Sra. Marfiza, pelo exemplo de mãe dedicada e amorosa; bem como pelo exemplo de matriarca de uma família excepcional.

À minha orientadora, Cinara, por toda a dedicação que teve para comigo no sentido de me ajudar a concretizar este sonho de concluir a universidade. Suas palavras calmas e doces suavizaram meu caminhar neste último momento como universitária.

Aos meus colegas de trabalho, em especial ao colega Vitor Siqueira, pela amizade; parceria e pela torcida para que eu conseguisse me formar.

Aos meus chefes Alvino, Vinícius e Wagner, por terem compreendido minhas necessidades de formanda; e por terem me ensinado que a relação entre chefe e funcionário deve ser uma constante parceria que gere entusiasmo e confiança entre as pessoas: isso foi a coisa mais bonita que aprendi com chefes até hoje.

Ao meu marido, Pedro, por ter me ajudado a virar a mais pesada de todas as páginas do livro da minha história; por me segurar firme em seu abraço, quando eu mais precisei; por me mostrar que ceder aos desejos da emoção não é pecado e por me levar embora, quase que galopando em um cavalo preto, em direção à tão sonhada felicidade.

À minha princesa Malú, por ser a minha realização do sonho de ser mãe; por ter entendido que a mamãe também precisava ir para a sua “escolinha”; por ter brincado com meus livros universitários de forma a suavizar a culpa que eu senti pelos momentos que me privei de sua companhia; e por cada sorriso que levarei na memória até o último dia em que meu coração pulsar.

“Naquela época eu ainda estava longe de soltar a rédea pra minha intuição. Tinham me ensinado que a intuição é coisa que a gente mete na camisa-de-força da razão. Acreditei. E, volta-e-meia, ficava perplexa... com uma determinada emoção que eu sentia, não podendo entender que era a intuição que tinha conseguido falar a tempo, antes de a razão mandar ela calar a boca.”

NUNES, Lygia Bojunga, 1999, p. 51.

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi investigar o uso da literatura como um instrumento de representação e transformação da sociedade, através da análise de duas das mais importantes obras de Lygia Bojunga Nunes: *A Bolsa Amarela* (1976) e *A Casa da Madrinha* (1978). A metodologia adotada ao longo deste trabalho consistiu em analisar os recursos utilizados pela autora para produzir efeitos de denúncia e reflexão sobre a realidade social presente nas narrativas. Como resultado do presente trabalho foi possível entender que a obra literária, enquanto ficção, além de promover prazer, tem o poder de dar respostas ao leitor, quanto às questões relacionadas à sociedade e em relação a si próprio. É nesse contexto que se enquadram as obras da autora gaúcha Lygia Bojunga Nunes, tendo em vista que suas histórias, além de serem capazes de despertar emoções e sentimentos que são indispensáveis para o processo de construção da identidade, também são fontes de críticas que ela dirige à sociedade. Lygia Bojunga Nunes, por meio de suas obras permeadas do real e do fantástico, atinge o objetivo social da literatura com grandiosidade, pois, além de utilizar-se de uma rica linguagem simbólica para despertar o interesse de leitura, possibilita ao seu leitor um exercício de reflexão acerca do seu papel na sociedade.

## **ABSTRACT**

The objective of this work was to investigate the use of Literature as an instrument of reflection and transformation of society through the analysis of two of the most important works of Lygia Bojunga Nunes: "*A Bolsa Amarela*" (1976) and "*A Casa da Madrinha*" (1978). The methodology used throughout this work was the analysis of the resources used by the author to produce effects of complaint and reflection on the social reality on the narratives. It was possible to conclude, as a result, that the literary work, as fiction, besides being pleasant, it can provide the readers with answers about society and themselves. It's on this context that the works of the gaucha author Lygia Bojunga Nunes fit, considering that her stories, besides being able to arouse emotions and feelings, which are necessary to the process of character building, are also source of criticism she redirects to the society. Lygia Bojunga Nunes, through her works full of reality and fantasy, reaches the social objective of literature remarkably, for besides being filled with rich symbolic language to attract the interest in reading, it gives the readers the possibility to exercise thinking concerning their role inside society.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2.1 A Bolsa Amarela: o esconderijo dos desejos.</b> .....	17
<b>2.2. A casa da madrinha: o lugar onde todas as fantasias se realizam.</b> .....	30
<b>3 CONCLUSÃO</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## 1. INTRODUÇÃO

Lygia Bojunga Nunes nasceu em 26 de agosto de 1932, em Pelotas, Rio Grande do Sul, onde viveu até os oito anos de idade quando sua família se mudou para o Rio de Janeiro. Em 1951, Lygia iniciou sua carreira profissional como atriz, quando trabalhou na Companhia de Teatro Os Artistas Unidos. Além do teatro, a autora também se envolveu com atividades de rádio e televisão, mas a sua paixão pelos livros a levou a se dedicar à escrita predominantemente.

Casada com um inglês, Lygia Bojunga Nunes passa seu tempo entre Londres e o Rio de Janeiro, sendo este último praticamente seu amigo íntimo com quem ela estabelece uma relação intensa e apaixonada bem expressa no título de um dos seus livros: *O Rio e eu* (1999).

Em 1972, Lygia Bojunga Nunes escreveu seu primeiro livro *Os Colegas* e já em sua estréia como recebeu o Prêmio Jabuti, de melhor livro infantil. De 1972 até os dias atuais, a autora completou um acervo de 21 títulos: *Os Colegas* (1972); *Angélica* (1975); *A bolsa amarela* (1976); *A casa da madrinha* (1978); *Corda Bamba* (1979); *O sofá estampado* (1980); *Tchau* (1984); *Meu amigo pintor* (1987); *Nós três* (1987); *Livro, um Encontro* (1988); *Fazendo Ana Paz* (1991); *Paisagem* (1992); *O abraço* (1995); *Feito à mão* (1996); *A cama* (1999); *O Rio e eu* (1999); *Retratos de Carolina* (2002); *Aulas de Inglês* (2006); *Sapato de Salto* (2006); *Dos Vinte 1* (2007) e *Querida* (2009).

Como podemos perceber, trata-se de um trabalho criativo bem extenso que possui uma predominância do gênero novela, mas que também possui trabalhos de incursões dramáticas. Interessante verificar que há livros destes vinte e um títulos que não se encaixam em nenhum tipo específico de gênero, configurando um capítulo a parte em sua trajetória, como a obra *Livro, um encontro* (1988), em que a autora escreveu com o intuito de comunicar-se com o leitor: um processo de escrita que tenta dar conta da relação entre livro, autor e leitor.

O conjunto de obras de Lygia Bojunga Nunes é amplamente premiado e continua sendo traduzido para mais de 19 idiomas. Especialmente na Europa, a crítica literária tem concedido grande valor aos seus títulos e isso fica claro quando verificamos a variedade de prêmios estrangeiros que foram dedicados à autora.

Pelo conjunto de sua obra e como personalidade literária, Lygia Bojunga Nunes recebeu quatro prêmios: o título de Altamente Recomendável para tradução nos países-membros da Organização Internacional para o Livro Infantil e juvenil, por sua obra, em 1980; o Prêmio HANS CHRISTIAN ANDERSEN – IBBY (pelo conjunto de sua obra) – o mais tradicional prêmio internacional de literatura para crianças e jovens, em 1982; ALMA – Astrid Lindgren Memorial Award (pelo conjunto de sua obra) – o maior prêmio internacional jamais instituído em prol da literatura para crianças e jovens, criado pelo governo da Suécia, em 2004; e Prêmio FAZ DIFERENÇA (personalidade literária do ano) - O GLOBO, também em 2004.

O livro mais premiado da autora é *Os colegas* que recebeu cinco premiações: Prêmio INL (Instituto Nacional do Livro) em 1971; Prêmio Jabuti, em 1973; Lista de Honra – International Board on Books for Young People (IBBY), em 1974; O Melhor para a Criança – FNLIJ, em 1976; e Lista de Honra – IBBY, em 1978.

Os livros *A Casa da Madrinha*, *Sofá Estampado*, *O Abraço* e *Fazendo Ana Paz* foram premiados três vezes cada um. O Livro *A Casa da Madrinha* recebeu as seguintes premiações: O Melhor para o Jovem – FNLIJ, em 1978; Prêmio Os Melhores para Juventude, concedido pelo Senado de Berlim, em 1985; e Prêmio literário O Flautista de Hamelin, outorgado pela cidade de Hamelin, Alemanha, também em 1985. Com relação ao sexto livro escrito pela autora, *O Sofá estampado*, temos a relação dos seguintes prêmios: Grande Prêmio APCA (Críticos Autorais), em 1980; O Melhor para o Jovem – FNLIJ, em 1980; e Prêmio Bienal Banco Noroeste de Literatura Infantil e Juvenil, em 1982.

No que diz respeito ao livro *O Abraço*, os prêmios que a autora recebeu foram aos seguintes: UBE (União Brasileira de Escritores) – Prêmio Adolfo Aizen, em 1997; Premio Orígenes Lessa – Hors Concours – FNLIJ, em 1999; Altamente Recomendável – FNLIJ, em 1996 também. Já o livro *Fazendo Ana Paz* recebeu os respectivos prêmios: Altamente Recomendável para o Jovem – FNLIJ, em 1982; Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro (CBL), em 1993; e o Prêmio White Ravens, em 1993.

A obra *Tchau* foi premiada por duas vezes: em 1985 o livro em questão recebeu o prêmio O Melhor para o Jovem – FNLIJ e, em 1987, recebeu o título que o colocava na Seleção dos melhores livros da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique.

Como a obra anterior, *Seis vezes Lucas* recebeu dois prêmios: em 1996 foi concedido a ele o título de Altamente Recomendável – FNLIJ e, em 1997, recebeu o prêmio Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro (CBL).

A obra *A cama* também recebeu duas premiações, sendo elas Prêmio Orígenes Lessa – Hors Concours – O Melhor para o Jovem – FNLIJ, em 1999; e Prêmio Júlia Lopes de Almeida – Hors Concours – União Brasileira de Escritores – UBE, em 2000.

Lygia Bojunga Nunes recebeu condecorações relativas a outros livros: *Corda Bamba*, em 1979, Altamente Recomendável para o Jovem; *Nós três*, em 1990, Altamente Recomendável para o Jovem – FNLIJ; *Paisagem*, em 1992, Altamente Recomendável para o Jovem – FNLIJ; *O Rio e eu*, em 1999, Altamente Recomendável – FNLIJ; *Retratos de Carolina*, em 2002, Altamente Recomendável para o Jovem – FNLIJ; *Aula de Inglês*, em 2007, Altamente Recomendável para o Jovem – FNLIJ; *Sapato de Alto* Altamente Recomendável para o Jovem – FNLIJ, em 2007; *Querida*, em 2010, Altamente Recomendável para o Jovem - FNLIJ;

Lygia Bojunga Nunes foi premiada, também, pela composição de sua peça de teatro, *O Pintor*: em 1985, recebeu o Prêmio Molière (Teatro) e, em 1986, recebeu o Prêmio Mambembe de Teatro.

A obra da autora gaúcha tem potencial expressivo e representa um movimento renovador da literatura infanto-juvenil brasileira. Além disso, seu acervo destaca-se por grande qualidade literária e alto nível de criação, sendo sua originalidade seu aspecto singular.

É evidente, em diversos trabalhos da autora, a sua preocupação em relacionar-se com o seu leitor. Isso fica claro quando notamos o caráter de diálogo que encontramos em várias de suas obras e tal recurso abre espaço para as mais diferentes possibilidades de leitura, permitindo ao leitor construir sua própria significação do que está lendo, sempre levando em conta suas experiências de vida.

De acordo com Marchi, (2000, p. 198):

“O leitor desempenha um papel fundamental nas narrativas de Lygia, pois elas promovem sua ativação (...) na medida em que motivam o questionamento dos estereótipos, seja no que concerne às convenções literárias ou às circunstâncias sociais de onde provém o destinatário.”<sup>1</sup>

O trabalho de escrita de Lygia Bojunga Nunes não está voltado exclusivamente para o gênero de texto que deseja produzir, mas sim para a experiência do leitor com a obra. É notável a dedicação da autora no que tange ao seu leitor infantil, pois ela considera realidade

---

<sup>1</sup> MARCHI, Diana Maria. **A literatura Infantil Gaúcha: uma história possível**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 198.

da criança como um ser em formação ao elaborar seus textos, preocupando-se em expor os problemas do universo infantil.

Por entender o papel social da Literatura, a autora faz de suas obras um meio de reflexão sobre problemas sociais que atingem crianças e adolescentes. Ao analisarmos algumas das obras da autora, percebemos que nelas são expostos grandes problemas sociais como o estupro, no livro *O Abraço* (1995); o problema da orfandade, na história da menina Maria, em *Corda bamba* (1979); a situação de assassinato no livro *Nós três* (1987); a questão do suicídio em *Meu Amigo Pintor* (1987); a questão do desamparo social em *A casa da madrinha* (1978); a situação do abandono, narrada na história da mãe que decide ir embora com um amante e deixa seus filhos com o marido, em um conto intitulado “Tchau” da obra de mesmo título (1984). Verificamos, nesse sentido, o caráter de denúncia que as obras de Lygia Bojunga Nunes carregam, pois a autora dirige-se ao leitor infantil levando a ele problemas que fazem parte da sua vida, com objetivo de promover reflexão e transformação.

Ao realizarmos uma análise acerca da história da Literatura Infantil Brasileira, podemos perceber que durante a década de 70, período da ditadura militar, surgiu uma corrente literária que visava o privilégio das formas do realismo nas narrativas infantis. Nesse contexto, alguns trabalhos suprimiram de forma quase que total o elemento fantasioso e utilizaram o realismo para tratar de questões sociais e familiares, unicamente. Contrapondo-se a esta perspectiva, temos o trabalho de Lygia Bojunga Nunes que não abriu mão do elemento fantástico para compor suas obras: ao contrário, a autora faz uso do elemento mágico como instrumento para interpretar o real, indispensável para que o texto adquira sentido na experiência do leitor. Segundo Nardes (1991, p. 147),

“De forma geral, no ser humano, e mais propriamente na criança, imaginação, sensibilidade, inteligência, não são funções que se podem dissociar: a crença psíquica é global. É por isso que a criança, para se desenvolver harmoniosamente e de maneira equilibrada, tem necessidade do sonho e do imaginário, mas um imaginário são e autêntico, de qualidade real. Exatamente o que a Literatura infanto-juvenil de Lygia Bojunga tem a oferecer.”<sup>2</sup>

Utilizando-se dos elementos fantásticos, verifica-se que a construção das obras da autora está sempre marcada por denúncias relacionadas ao universo infantil, de forma a construir nas personagens um posicionamento crítico que lhes possibilitam uma postura afirmativa de busca por emancipação. Compreendemos assim a importância de elaborar

---

<sup>2</sup> NARDES, Laura Battisti. **Literatura infanto-juvenil: estética literaria em Lygia Bojunga Nunes**. Campo Grande: Ed. do autor, 1991. p. 147.

obras apoiadas neste recurso que se faz presente e eficaz no processo de formação do leitor, por meio da ampliação dos seus horizontes.

Problemas da realidade contemporânea estão presentes na maioria das obras da escritora, de forma que as obras estão continuamente ligando-se ao universo do leitor e fazendo com que o mesmo se mobilize ao encontro do texto. Nesse sentido, ZILBERMAN (2010), além de colocar Lygia Bojunga Nunes como uma das herdeiras da literatura de Monteiro Lobato, juntamente com Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Fernanda Lopes de Almeida, também destaca o fato de que em suas narrativas existem personagens rebeldes e criativas, bem como a discussão de questões atuais, o desejo de mudar e a presença do humor na composição dos textos.<sup>3</sup>

O propósito da autora de considerar o leitor em suas obras faz toda a diferença. As narrativas dialogam com o universo do leitor a todo o momento, de forma intensa, mas sem se tornar exaustiva.

A perspectiva de diálogo com o leitor fica evidente neste trecho da obra *Livro: um encontro* (1988):

“Tá, tudo bem, você escreveu um bocado de texto, mas... e as entrelinhas? e as pausas? os espaços em branco? as ambigüidades? Sou eu que fico enchendo aquilo tudo, não é? Eu: leitora. E não me pagam um tostão de direito autoral!” (NUNES, 2004, p. 34)<sup>4</sup>

Percebemos que há grande preocupação, por parte da autora, no que diz respeito à relação entre leitor, escritor e livro. É neste sentido que se verifica a posição da autora de proporcionar ao leitor infantil histórias que fazem parte da sua vida, de forma a contribuir com sua formação social.

O tema deste trabalho é a natureza de denúncia das obras de Lygia Bojunga Nunes. Sendo assim, como proposta desta pesquisa, será realizada uma análise acerca dos problemas sociais evidenciados pela autora, no que tange ao universo infantil, a partir da análise de duas de suas mais importantes obras *A Bolsa Amarela* (1976) e *A casa da Madrinha* (1978).

Justifica-se a importância do trabalho no sentido de perceber que as obras de Lygia Bojunga Nunes desempenham o papel social da literatura, pois, por meio de suas histórias, a autora permite aos seus leitores uma reflexão acerca de sua condição social. Direcionando sua escrita às crianças e adolescentes, a autora elabora histórias que permitem ao leitor se ver

<sup>3</sup> ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 1ª ed. Curitiba: IBPEX, 2010. p. 147.

<sup>4</sup> NUNES, Lygia Bojunga. *Livro: um encontro*. 2004, EDIÇÃO, Rio de Janeiro: 2004. p. 34.

como um ser que faz parte da sociedade, fazendo isso por meio de elementos provenientes do fantástico que suavizam a experiência do leitor infanto-juvenil.

ZILBERMAN (2003, p. 25) explica sobre como procede a literatura:

“[...] Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.”<sup>5</sup>

O objetivo geral deste trabalho foi investigar o texto literário infanto-juvenil como um instrumento de transformação da sociedade, através da análise de duas das mais importantes obras de Lygia Bojunga Nunes: *A Bolsa Amarela* (1976) e *A Casa da Madrinha* (1978). Com a análise feita sobre as obras definidas para este trabalho, surgiram os seguintes objetivos específicos: identificar quais os problemas sociais a autora trazia ao texto como denúncia; verificar quais eram os mecanismos de escrita da autora no sentido de direcionar ao leitor as críticas sociais que constam nas obras; averiguar como a autora organizava sua escrita a partir da utilização de elementos do fantástico e do real; examinar quais recursos a autora utilizou para construir suas personagens de forma a promover identificação entre elas e seus leitores; verificar a estrutura e forma de narração das obras *A Bolsa Amarela* e *A Casa da Madrinha*; avaliar as possibilidades transformadoras e emancipatórias da literatura a partir das obras estudadas.

Como referencial teórico-crítico utilizado para este trabalho, foram selecionadas obras de Antônio Cândido, Bruno Bettelheim, Diana Marchi, Ezequiel Silva, Laura Nardes, Marisa Lajolo, Paulo Freire e Regina Zilberman. Tais autores foram escolhidos, pois são considerados referência na área literária. Também no que tange à escolha de tais autores, explica-se o fato de que seus trabalhos continham as informações de que necessitei ao longo da realização deste estudo.

A metodologia que foi adotada para a realização deste trabalho consistiu em analisar as situações de denúncia presentes nas obras escolhidas como *corpus*, estabelecendo relações entre o meu posicionamento crítico e o aporte teórico utilizado.

O trabalho está organizado em dois grandes capítulos: o primeiro, intitulado “*A Bolsa Amarela: o esconderijo perfeito dos desejos*”, em que se encontra uma análise ampla

---

<sup>5</sup> ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003. p.25.

sobre a obra, identificando seu caráter de denúncia e realizando uma abordagem teórica sobre seus elementos literários; e o segundo, cujo título é “*A casa da madrinha: o lugar onde todas as fantasias se realizam*” em que se discute o poder transformador da literatura, bem como o seu papel enquanto instrumento de denúncia acerca dos problemas da sociedade.

## 2.1 *A Bolsa Amarela*: o esconderijo dos desejos.

O livro *A Bolsa Amarela* é uma narrativa que conta a história de Raquel, uma menina que tem três vontades muito fortes: ter nascido menino, se tornar escritora e ser gente grande.

Raquel é a filha mais nova de uma família com quatro irmãos. A diferença de idade entre os três irmãos e a menina chegava a dez anos e, por isso, todos eles a consideravam uma criança, inclusive os seus pais. Por ser a caçula, a menina é excluída pelos irmãos e não tem o respeito e a consideração que esperava por parte da família.

A partir do momento em que revelou aos pais e irmãos seus três grandes desejos a menina sentiu a força da sociedade repressora que define a criança como um ser incapaz. Em verdade, podemos perceber que os maiores desejos da menina, propriamente ditos, já são uma contestação explícita sobre a estrutura familiar tradicional.

A obra em questão gira em torno da frustração da menina que se vê obrigada a esconder suas três maiores vontades em uma bolsa, evidenciando a ausência de espaço para o diálogo dentro do circuito da família.

Ao ter que lidar com a opressão e exclusão dentro do próprio seio familiar, Raquel decidiu escrever cartas aos seus amigos imaginários, como uma forma de treinar o seu desejo de ser escritora e, com eles, a menina compartilhava as suas outras duas grandes vontades. Certo dia, a família de Raquel recebeu um pacote de doações feitas pela Tia Brunilda e, depois de todos terem escolhido os itens de sua preferência, sobrou uma bolsa amarela que ninguém quis. Embora fosse muito grande, de certa forma até desproporcional ao seu corpo de criança, Raquel quis ficar com a bolsa, pois percebeu que ela poderia ser um bom esconderijo para as suas vontades e seus amigos imaginários.

Simbolicamente, a bolsa amarela torna-se um refúgio para a criatividade e as vontades de Raquel: é nela que a menina consegue colocar todos os seus pensamentos e desejos, criando histórias e personagens que se fazem cúmplices dela nessa grande aventura que é ser criança em uma sociedade que reprime os pequenos.

Surge, na história, um galo que pediu para morar dentro da bolsa amarela. Raquel examinou o galo e percebeu que ele era a personagem de um romance que ela mesma tinha inventado: o Rei. O galo explicou que estava cansado de ter que mandar em todas as galinhas do galinheiro onde morava e que decidiu ir atrás de seus ideais: para isso ele teve

que fugir e usar uma máscara preta para não ser reconhecido. Raquel ficou impressionada com a postura do galo e resolveu dar abrigo ao animal.

Quando entrou na bolsa, o galo Rei encontrou uma série de nomes que a Raquel escrevia e guardava dentro da bolsa. Ao observar a lista dos nomes, Rei decidiu trocar de nome, passou a se chamar Afonso.

Junto com o Afonso, estava o Alfinete de Fralda: ele tinha sido encontrado pela menina no chão um dia. Raquel limpou toda a ferrugem que havia nele e o guardou dentro da bolsa também.

Em um dado momento, quando Raquel olha para a bolsa, vê que Afonso tinha trazido para ela um guarda-chuvas, mas não era qualquer guarda-chuvas, era “a Guarda-Chuvas”, tratava-se de um moço. A menina ficou muito contente, pois sempre quis um presente daqueles, mas, a esta altura, ficou preocupada com o peso da bolsa. Afinal de contas, dentro dela tinha uma lista com os nomes que ela achava bonitos, tinha o Afonso, tinha as vontades e, agora, tinha também, a amiga Guarda-Chuvas.

Um dia, Raquel saiu para dar um passeio e foi com sua bolsa a tira colo, levando todo mundo que vivia lá dentro para passear com ela. Inusitadamente, Afonso colocou a cabeça para a fora da bolsa e reconheceu um primo seu que ganhava a vida como galo de briga: era ele mesmo, o Terrível. Raquel e Afonso conversaram com Terrível e descobriram que ele tinha uma briga marcada com o galo Crista de Ferro. Afonso ficou muito preocupado, pois sabia que seu primo não teria como sair vivo da briga e, assim, ele e Raquel decidiram colocar Terrível dentro da bolsa para protegê-lo e evitar que ele se apresentasse para a tal briga.

Em um almoço na casa da Tia Brunilda, Raquel ficou espantada com toda a atenção que sua família lhe deu pelo fato de estarem na presença de outras pessoas diferentes daquelas da rotina familiar. Alberto, filho de Tia Brunilda, ficou curioso para saber o que tinha na Bolsa Amarela. De tanto mexer, a bolsa estourou e de lá saiu Afonso, dizendo que era um mágico. Junto com ele, saiu Terrível que ficou feliz por ter conseguido fugir e vai para a sua briga.

Terrível conseguiu chegar na briga, mas além de perder a disputa, perdeu a vida também. Chateada, Raquel resolveu escrever um romance pensando em como seria diferente se os donos de Terrível não tivessem mandado costurar o pensamento dele daquele jeito que só pensava em brigar: escrever era uma forma de se desligar da tristeza. Embora estivesse triste, Raquel tomou uma grande decisão: resolveu levar a Guarda-Chuvas para

consertar. A menina foi até a Casa dos Consertos e pediu para que resolvessem o problema de sua amiga.

Quando conheceu a família da Casa dos Consertos, Raquel ficou impressionada, pois percebeu que naquela família todos eram respeitados: adultos e crianças independente de suas diferenças.

Com a experiência que teve na Casa dos Consertos, Raquel começou a refletir sobre o fato de ela não gostar de ser menina: quando compreendeu que ela não gostava do seu gênero porque as pessoas diziam que certas coisas eram apenas de garoto, a protagonista experimenta uma situação de autoconhecimento e valorização da sua própria personalidade. Então, a menina convidou Afonso para fazer uma coisa de menino: soltar pipa na praia. Os amigos montaram as pipas e depois brincaram da mesma forma que os meninos brincam. Foi neste momento que Raquel descobriu que era bom ser menina e que bastava que ela decidisse com quais brincadeiras queria brincar, independente do que diziam as pessoas.

Ainda na praia, Afonso e a Guarda-Chuvas decidiram ir embora juntos voando. Junto com eles, Raquel soltou também duas vontades: a de ser garoto e de ser gente grande. Na Bolsa Amarela, ficou apenas a vontade de ser escritora, os nomes e o Alfinete.

A narrativa é conduzida pela própria protagonista da história que conta fatos do cotidiano e, ao mesmo tempo, cria grandes episódios fantásticos. A menina usa elementos do seu dia-a-dia para construir um mundo imaginário, fantástico, onde ela e as personagens que cria são respeitadas por todos. Essa mistura é a fórmula que ela encontrou para poder tornar o mundo real da sua família algo em que ela pudesse experimentar as mais diferentes relações. É neste contexto que podemos observar a colocação feita por Marchi (2000, p. 199):

“A narração é conduzida segundo o ponto de vista de Raquel que, contando a história de sua vida, projeta seus desejos inconscientes em outras personagens, cujas histórias são produtos de suas fantasias. Eu-narrador e eu-narrado confundem-se, não há distanciamento entre eles, nem a distinção entre o real e o imaginário. As aventuras vividas pela menina com as personagens mágicas criadas por ela representam seu processo de evolução de uma situação totalmente reprimida até a vitória sobre a censura pela libertação de seus desejos.”

Fantasia e realidade estão presentes em cada página do livro *A Bolsa Amarela*, de forma que perceber a conjunção destes dois elementos é inevitável. Lygia Bojunga Nunes utiliza-se de todo o seu potencial criativo para formular um mundo à parte para a personagem Raquel.

A autora, ao escrever a obra, mesmo fazendo uso de vários elementos do fantástico não se desvincula do sentido de realidade e isso fica evidente no uso de uma linguagem racional. Conforme Marchi (2000, p.199), “[...] a fantasia utilizada por Lygia remete ao real e é sempre utilizada a fim de aguçar a percepção crítica, ao contrário de outras histórias que a utilizam como fator alienante”. É neste sentido que percebemos a ligação que a autora faz entre a realidade e o fantástico, promovendo a reflexão e o fortalecimento da identidade de Raquel.

O leitor é levado a mergulhar na narrativa, não sendo possível se desvencilhar dos elementos fantásticos e reais que permeiam toda a obra. Assim sendo, pode-se perceber que dentro de um contexto de ambivalência de fatos reais e fantásticos, a personagem principal, assim como o leitor, vive um processo de afirmação como pessoa.

Um dos elementos mais marcantes que podemos perceber é o papel de contestação presente no texto de *A Bolsa Amarela*. O papel da personagem Raquel que se verifica no questionamento da estrutura familiar ancestral: uma menina que vive um grande conflito interno ao perceber que sua família não aceita suas vontades. Trata-se da história de uma criança que resolve escrever para transformar as questões do seu cotidiano de exclusão em um mundo imaginário, cheio de amigos secretos e aventuras fantásticas. Assim, Raquel trilha um caminho em que fatos reais e fantásticos se cruzam transformando sua história de vida em uma aventura única e íntima na busca da sua auto-afirmação-

De acordo com Bettelheim (2002, p. 64):

“A mente de uma criancinha contém um conjunto de impressões, com frequência mal ordenadas e apenas parcialmente integradas, que se expande rapidamente: alguns aspectos da realidade vistos corretamente, mas muito mais elementos completamente dominados pela fantasia. A fantasia preenche as enormes lacunas na compreensão de uma criança que são devidas à imaturidade de seu pensamento e à sua falta de informação pertinente. Outras distorções são consequência de pressões internas que levam a falsas interpretações das percepções infantis.”<sup>6</sup>

Em *A Bolsa Amarela*, percebe-se o potencial de denúncia de uma sociedade que não dá espaço para que a criança construa seu conhecimento e sua personalidade. A obra evidencia a experiência de uma menina que não tem afeto, apoio psicológico e espaço para expor seus pensamentos. Na obra, a família não cumpre seu papel de proporcionar é um espaço de aprendizagem e desenvolvimento, pois não permite à criança que ela se posicione como ser inteligente que é. Nesse contexto, Raquel se apresenta como uma criança que vence as dificuldades do meio em que vive: mesmo não tendo incentivo a um

---

<sup>6</sup> BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 64.

comportamento de respeito, a menina decide não assumir a postura de exclusão em que se encontra. Ao contrário, decide construir um mundo paralelo onde o respeito é o sentimento predominante em todas as relações que ela constrói. Como desdobramento ao ambiente excludente, a menina utiliza de todo o seu potencial criativo para inventar um mundo em que seja aceita, conforme Zilberman e Magalhães:

“[...] a falta de integração da criança à família, a solidão gerada pela atitude de distância e desaprovação dos pais e irmãos, conduz Raquel, a personagem central, à criação de um mundo de fantasia povoado de seres que simbolizam a repressão em que vive, os desejos que oculta, a identidade que procura e os amigos que almeja. As aventuras vividas pela menina com as personagens mágicas – a bolsa amarela, o galo Afonso, o alfinete de fraldas, o galo Terrível – representam seu processo de evolução de uma situação totalmente reprimida até a vitória sobre a censura pela liberação de seus três desejos: crescer, ser menino e escrever.”<sup>3</sup> (1984, p. 146, 147)<sup>7</sup>

Marisa Lajolo em seu artigo “Infância de papel e tinta” faz uma reflexão acerca da denominação do termo “infância”, que em sua origem latina significava a ausência de fala. Conforme a escritora, a “ausência de fala” por parte das crianças tomou uma grande proporção, de forma a construir um silêncio que pouco preocupava os adultos:

“Assim, por não falar, a infância não se fala e, não se falando, não ocupa primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar primeira pessoa, isto é, por não dizer eu, por jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre um ele/ela nos discursos alheios, a infância é sempre definida de fora. (1997, p.230)”<sup>8</sup>

Ao lermos a história da menina Raquel, percebemos que o conceito de infância trazido por Lajolo realmente é praticado dentro de sociedades autoritárias como a nossa. Logo nas primeiras páginas da narrativa, já percebemos que a menina se sente só mesmo sendo parte de uma grande família como a dela e, para enfrentar a solidão, envia cartas a amigos imaginários que ela inventa. De acordo com Laura Battisti Nardes (1991), a autora faz uso de diferentes tipos de metalinguagem dentro da obra, como por exemplo, cartas, bilhetes, histórias dentro da história e o próprio ato de narrar.

Por meio de cartas e bilhetes direcionados aos amigos imaginários que ela mesma cria, Raquel consegue exprimir seu sentimento de solidão. Nas cartas da menina, fica clara a tristeza que a mesma sente ao ser ignorada pelos membros da sua família. Isso reforça a

<sup>7</sup> MAGALHÃES, Ligia Cademartori; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1984. p. 146-147.

<sup>8</sup> LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) **História Social da Infância no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 230.

presença do conceito de criança como ser sem fala, como vimos na abordagem de Lajolo e conforme se verifica na passagem que segue:

“Prezado André  
Ando querendo bater papo. Mas ninguém ta a fim.  
Eles dizem que não tem tempo. Mas ficam vendo  
televisão. Queria contar minha vida. Dá pé?  
Um abraço da Raquel”  
(p.10)<sup>9</sup>

Segundo Marchi (2000, p. 199), “em *A Bolsa Amarela*, o processo de formação de identidade passa pelas dificuldades de relacionamento com a própria família.” A solidão gerada pela atitude de distância e desaprovação dos pais e irmãos conduz Raquel a criar um mundo de fantasia. O mundo de fantasia criado por Raquel abarca as personagens que ela cria, histórias, bilhetes, cartas e todas as invenções feitas por ela com o intuito de vencer seus medos e frustrações.

“Querido André  
Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu  
irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando  
que é por isso que ninguém aqui em casa tem  
paciência comigo: todo mundo já é grande há  
muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes  
eu ouvi minhas irmãs dizendo: “A Raquel nasceu  
de araque. A Raquel nasceu fora da hora.  
A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha mais  
Condição de ter filho.”  
Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou  
não é?  
...  
Fiquei pensando: mas se ela não queria mais  
filho por que é que eu nasci? Pensei nisso  
demais, sabe? E acabei achando que a gente só  
devia nascer quando a mãe da gente quer ver a  
gente nascendo. Você não acha, não?  
Raquel.”

(p. 11 e 12.)

O fato de Raquel ser a narradora da história evidencia a postura contestadora de Lygia Bojunga Nunes quanto à concepção expressa pela palavra latina *infante*, que se refere àquele que não tem voz. Em *A Bolsa Amarela*, a autora dá voz à infância, ao criar a menina Raquel como personagem protagonista e narradora.

<sup>9</sup> BOJUNGA, Lygia. *A Bolsa Amarela*. Rio de Janeiro: CASA LYGIA BOJUNGA, 2004. Todas as citações feitas neste trabalho foram retiradas desta edição.

Conforme Zilberman e Lajolo (1986, p. 178), “[...] ao longo da história da literatura infantil brasileira, “tornaram-se mais frequentes os narradores em primeira pessoa que, assumindo o ponto de vista da criança, renunciam à onisciência”.<sup>10</sup> Nesse sentido, ao dar voz à menina Raquel, a escritora permite que o olhar da criança seja valorizado, fazendo com que os problemas do universo infantil sejam abordados de forma a provocar reflexões no leitor infantil, através do processo de identificação.

Ao dar voz narrativa à menina Raquel, a autora demonstra todo o respeito que tem pelo universo infantil. A narrativa rompe com o padrão adultocêntrico em que a história é contada a partir do olhar do adulto e propõe a narração a partir da perspectiva de uma criança. Ao verificarmos esta questão, também podemos evidenciar a preocupação que a autora tem com a receptividade da obra, pois, conforme Laura Battisti Nardes (1991), a idéia de trazer para a narrativa um narrador criança anula a distinção entre narrador e leitor, conforme percebemos na abertura do livro feito pela própria Raquel:

“[...] ]Eu tenho que achar lugar para esconder minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem de tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar sapato novo que eu não agüento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda vida – ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum.

Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever.” (p.9)

Já na primeira página do livro, percebemos que Nunes construiu sua história colocando o enfoque sobre o mundo infantil, de modo a caracterizar a difícil construção de identidade vivida por Raquel: uma menina que não tem voz e espaço em seu ambiente familiar. Lajolo e Zilberman (2010) descrevem que a questão da perda da identidade infantil fica clara em *A Bolsa Amarela* quando se evidencia a postura impaciente da família para com a filha caçula.<sup>11</sup>

Em verdade, todos os membros da família estão vivendo um momento de adaptação, mas a impaciência com que todos tratam a menina, simplesmente pelo fato de ser

<sup>10</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para as crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.** 1 ed. São Paulo: Global, 1986. p. 178.

<sup>11</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira, História e Histórias.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2010. p. 127.

criança, lhe causa dor e angústia, como vemos na carta que ela destina à amiga imaginária Lorelai:

“[...]  
Era tão bom quando eu morava lá na roça.  
...  
Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois, toca todo mundo a ficar emburrado. Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles me falaram? Que não era assunto de criança. E o pior é que esse negócio de emburramento em casa me dá uma aflição danada. Eu queria tanto achar um jeito de não dar mais bola para briga e pra cara amarrada. Será que você não acha um jeito para mim?”  
(p. 19)

Nesse contexto, podemos pensar na denúncia que há com relação à questão do ambiente familiar tumultuado e agitado. A pequena Raquel, além de ser excluída da rotina familiar, sofre com os efeitos das relações conflituosas do cotidiano. A menina Raquel sente uma grande aflição com relação às brigas que presencia na nova casa, como fica claro na citação feita acima.

A questão dos conflitos familiares é muito discutida ao longo da obra, evidenciando uma postura de reflexão sobre temas que não são discutidos abertamente na família e na escola.

Conforme Nardes, p. 154:

“A maioria dos textos de Lygia Bojunga enquadra-se neste tipo de focalização, em que o diálogo com o leitor impede uma recepção passiva: a ótica adultocêntrica do narrador desloca-se para a criança, fazendo com que a literatura infantil, outrora autoritária, passe a exercer uma função crítica e transformadora da realidade”.

Com o objetivo de debater sobre um dos mais recorrentes problemas da infância, Lygia Bojunga traz, na narrativa em questão, uma reflexão acerca do importante papel da família no processo de desenvolvimento da criança. Além de descrever a família da protagonista como sendo impaciente e despreocupada com os sentimentos da menina, a autora provoca uma reação de contraste quando faz surgir na narrativa a família da Casa dos Consertos. O contraponto se faz, quando, ao conhecer esse novo modelo de família, a menina percebe o quanto é opressora e desrespeitosa a relação que seus familiares têm com ela, conforme percebemos na citação a seguir:

“- Por que é que ele (pai da menina) tá cozinhando e tua mãe tá soldando a panela?”

- Porque ela já cozinhou bastante hoje e ele já consertou uma porção de coisas, e eu também já estudei um bocado e meu avô soldou muita panela: tava na hora de trocar tudo.
  - Por quê?
  - Pra ninguém achar que tá fazendo uma coisa demais. E pra ninguém achar também que está fazendo uma coisa menos legal que o outro.”
- (p. 112 e 113).

A reflexão proposta pela autora atinge a protagonista de forma que, ao analisar a organização da família da Casa dos Consertos, Raquel fica impressionada com a harmonia em que vive aquela família: diferente da sua em que seus pais estão sempre discutindo, aqui ela encontrou uma família em que não só os adultos se respeitam, mas também as crianças são respeitadas.

Conforme Zilberman e Magalhães (1984, p.148)

“[...] A visita à Casa dos Consertos é definitiva para que a personagem assuma seus desejos e possa libertá-los, pois lá ela descobre que não há uma única forma de organização e que o trabalho e a interação não são incompatíveis com a alegria e o respeito mútuo.”

Mais impressionada a menina fica quando percebe que naquela família não existe um “chefe” para determinar as coisas. Além disso, ela fica surpresa ao saber que todos têm direito de dar sua opinião e que todas elas são respeitadas, conforme o diálogo que estabelece com a amiga Lorelai:

- “- Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe?
  - Chefe?
  - É, o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô?
  - ...
  - Nós quatro. Pra isso todo dia tem hora de resolver coisa. Que nem ainda há pouco teve hora de brincar. A gente senta ai na mesa e resolve tudo que precisa. ... Cada um dá uma idéia. E fica resolvido o que a maioria achar melhor.
  - Você também pode achar?
  - Claro! Eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo mundo acha igual.”
- (p.114).

Tão importante é a experiência que Raquel vive ao conhecer a família da Casa dos Consertos que o título dado pela autora a este capítulo é “Comecei a pensar diferente”, como referência a uma mudança de paradigma que a menina vive ao comparar a experiência desta visita a da convivência com a sua família. É neste contexto que se percebe a intenção da autora de propiciar uma reflexão sobre o tema e de apontar a possibilidade de mudanças, em vista de um modelo diferente de relacionamento familiar.

Conforme Lajolo e Zilberman (1986, p. 178), a reflexão vivida por Raquel nos episódios acima citados são detalhes de criação que fazem parte de obras que

“[...] representam uma ponte entre o social e o individual, introjetando nas personagens infantis uma crise que é mais geral, porque decorrente dos desajustes da infância ao mundo adulto. Nesse sentido, ressaltam as vozes que, representando a infância, denunciam nos seus desejos, recalques e crises de identidade, os desacertos do mundo.”

Como bem coloca Lajolo e Zilberman, ao refletirmos sobre os desejos das crianças, podemos perceber os desacertos que estas têm em relação ao mundo. No caso de Raquel, seus grandes desejos têm a ver com a opressão familiar em que vive: o desejo de ser grande, o desejo de ter nascido garoto e o desejo de ser escritora. Ao longo da narrativa, a menina sofre algum tipo de preconceito por conta de cada um desses desejos.

Quanto ao desejo de ser garoto, a frustração de Raquel surge ao perceber que não pode brincar de muitas coisas porque é menina. Isso lhe faz sentir tristeza por ter nascido assim, como se seu gênero lhe proibisse de ter acesso a “coisas de menino” e, por isso, ela passa a ter o grande desejo de “ter nascido menino”, conforme percebe-se no diálogo entre Raquel e seu irmão logo após ele ter pego uma carta que ela escreveu ao André, seu amigo imaginário:

“Meu irmão fez cara de gozação:

- E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?

- Por que eu acho muito melhor ser homem do que mulher.

Ele me olhou bem sério. De repente riu:

- No duro?

- É sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele é sempre um garoto. Que nem chefe de família: é sempre homem também. Se eu quero jogar uma pelada que é tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento – então eu não vejo? – a gente fica esperando vocês decidirem. ... Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina.”

(p. 16 e 17.)

O caminho da descoberta da desigualdade entre meninos e meninas para Raquel é longo e esse é um resultado da conduta de uma sociedade que discrimina ao invés de promover a igualdade. Somente no fim do livro, a protagonista da história faz uma reflexão acerca de uma brincadeira que ela desejava muito brincar: soltar pipa. A decisão de brincar de pipa, mesmo sendo menina, representa um entendimento de que as brincadeiras não têm

gênero e que todos podem ser livres para escolher. O desejo de brincar com pipa era tão intenso que a menina chegou até a sonhar que estava brincando dessa “coisa de menino”:

“Uma noite eu sonhei que estava na praia soltando pipa. Acordei e falei pro Afonso:  
 - Sabe? Disseram que eu não podia soltar pipa.  
 - Por quê?  
 - Falaram que era coisa de garoto.  
 - Ué?  
 - Tá vendo? Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora que eu sei que o jeito é outro. Vamos lá na praia soltar pipa?”  
 (p. 126)

A menina sentia-se presa à idéia de que existiam algumas brincadeiras para meninos e outras para meninas. Com o passar do tempo, já no fim do livro, Raquel decide desvincular-se do paradigma e brincar com aquilo que lhe daria prazer, sem culpa.

No que diz respeito ao desejo de ser grande, ao longo da obra *A Bolsa Amarela*, percebemos a preocupação de Lygia para com as problemáticas do universo infantil. A questão mais pontuada pela autora é a falta de respeito vivenciada por crianças, como Raquel, pelo simples fato de ser criança.

Conforme Diana Marchi (2000, p. 200-201), ao construir suas obras, Lygia Bojunga Nunes destaca que:

“a criança é um ser em formação, que precisa ser respeitada em sua individualidade, a fim de que alcance o amadurecimento psicológico necessário à sua integração no mundo como indivíduo consciente e mentalmente equilibrado. A concepção da criança como ser frágil e sem capacidade de escolha foi afastada para emergir um ser com personalidade, num texto despido de qualquer propósito de dominação, com caráter emancipatório.”

Raquel sofre ao ter sido ridicularizada pelo livro que escreveu: como se não bastasse seus pais e irmãos terem lido sem sua permissão, eles ainda mostraram o livro para os vizinhos. Nesse episódio, percebemos a discriminação pela sua condição de infante e o fato de a protagonista de Lygia Bojunga Nunes não possuir amparo emocional por parte dos pais em nenhum momento.

Mesmo com momentos de sofrimento, exclusão e solidão, a menina demonstra um grande esforço para encontrar elementos e formas de se desenvolver com autonomia e confiança, mesmo sem o apoio dos pais e familiares. O sofrimento vivido pela menina lhe faz acreditar que a única solução é crescer de uma vez, para que assim, deixando de ser criança, sua individualidade seja respeitada e os momentos de desrespeito não se repitam.

Depois de algumas situações constrangedoras, como a citada anteriormente, Raquel percebe a necessidade de encontrar um lugar para guardar suas vontades, pois teme que elas sejam descobertas novamente e que isso se torne motivo de gozação:

“Se o pessoal vê as minhas vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério. Eu tenho é que achar depressa um lugar pra esconder essas três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim.” (p.23)

Além do medo de sofrer novamente com o riso dos adultos, a menina sofre por se dar conta de que o mundo infantil não é respeitado: os adultos não dão credibilidade ao que dizem as crianças, ou seja, as crianças não são levadas a sério. A representação desse tipo de situação na obra em análise suscita a reflexão sobre os prejuízos que este tipo de conduta dos adultos pode provocar na formação da personalidade infantil, interferindo no processo de desenvolvimento da autoconfiança da criança. No caso de Raquel, foi a fantasia e a experiência vivida fora da família que permitiu a superação.

O desejo de Raquel de ser escritora advém da necessidade de escrever para superar suas frustrações: é escrevendo que a menina satisfaz seus desejos. No livro *A Bolsa Amarela*, a menina Raquel não tem nenhum incentivo por parte dos pais nem com relação aos textos que escreve nem com relação ao seu desejo de ser escritora. Além da falta de incentivo, a menina sofre ao ser ridicularizada pelos membros da família, como podemos perceber em dois episódios distintos: o primeiro quando ela conta para o irmão o sonho de ser escritora e, o segundo quando uma de suas irmãs pega um romance que ela acabara de escrever e mostra para todas as pessoas da família e, também, para dois vizinhos do prédio:

“- É o seguinte: eu resolvi que vou ser escritora, sabe?

...

Aí meu irmão fechou a cara e disse que não adiantava conversar comigo porque eu nunca dizia a verdade. Fiquei para morrer:

- Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, hem? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo.

- Guarda essas idéias para mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tanto tempo com tanta bobagem, aproveita pra estudar melhor.

...

Não adianta, André: gente grande não entende a gente. E então é melhor eu nem te escrever mais.

(p. 18)

“Quando eu voltei do cinema encontrei todo mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada do galo, da galinha, de galinheiro, que não acabava mais. E

o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, das coisas que eu pensava.”  
(p.23)

O sentimento de frustração que a menina sente diante do descaso com que seu irmão interpreta seu sonho fica claro na mensagem que ela escreve, posteriormente, ao amigo imaginário André. Frustração também foi o sentimento que ela sentiu quando chegou em casa e percebeu que todos estavam rindo da história que ela criou, mas não só disso, também do que ela era e do que ela pensava.

A figura de Raquel representa uma insubmissão da criança em relação às regras impostas pelos adultos e também às posturas adotadas por eles: a menina encontra formas e elementos para desviar de atitudes que ela mesma consegue definir como erradas a partir das experiências vividas por ela: sejam no campo do imaginário ou do real. A protagonista utiliza de diferentes esquemas para contestar os paradigmas que ela não compreende e também aquele com os quais ela discorda. Sem ter acesso ao diálogo com os pais e irmãos, Raquel se sente só. É por meio da criatividade que preenche essa solidão, conseguindo evoluir como pessoa e adquirir novos entendimentos que formam sua personalidade. Respeitando a vontade dos amigos Afonso e Guarda-Chuvas, ela não sofre ao vê-los partir e sente a bolsa amarela e o coração leves ao deixar as vontades de ser menino e de ser grande partirem. No final, só a vontade de ser escritora é que resta.

A personagem de Raquel constrói sua independência a partir do enfrentamento dos seus próprios conflitos internos. É neste sentido que percebemos o posicionamento de Zilberman e Magalhães (1984, p.149) de que a “[...] autora apresenta a arte como uma atividade prospectiva, não é apenas a projeção de um conflito, mas a possibilidade de solucioná-lo através da promoção de significações novas e da mobilização de energias antigas.”

Levando em conta a conquista da identidade de Raquel, é interessante observar, conforme Magalhães (1984), que a obra de caráter emancipatório é prospectiva, porque pela amostragem de novas possibilidades propicia experiências futuras, confirmando o poder de libertação da leitura de obras como *A Bolsa Amarela*. Assim como a personagem Raquel, pelo processo de identificação, o leitor poderá se emancipar ao se deparar com os próprios conflitos e vislumbrar uma possível solução para os mesmos.

## 2.2 *A casa da madrinha*: o lugar onde todas as fantasias se realizam.

*A Casa da madrinha* é o quarto livro escrito por Lygia Bojunga Nunes. Publicado em 1978, o livro conta a história de Alexandre, um menino pobre que mora na favela e que trabalha como ambulante nas praias do Rio de Janeiro para ajudar nas despesas da família.

Narrada em terceira pessoa, a obra apresenta uma mistura da realidade com a fantasia, como forma de apresentação de temas fortes e polêmicos que dizem respeito aos problemas relacionados à infância e à adolescência.

Alexandre, mesmo com todas as dificuldades impostas pela rotina de trabalhador, também era estudante. A ida à escola tinha um poder mágico sobre a vida do menino, pois lá havia uma professora que lecionava usando um método muito inovador e criativo com seus alunos. Na verdade, as aulas da professora funcionavam como uma válvula de escape para a dura realidade do menino.

Augusto, irmão de Alexandre, preocupava-se com os estudos do irmão. Mesmo quando as despesas da casa ficaram mais apertadas, Augusto defendeu que o menino deveria continuar estudando. Porém, quando resolveu casar e sair de casa, percebeu que Alexandre precisaria voltar a trabalhar para ajudar nas contas da casa.

Alexandre saiu da escola e passou a vender sorvete ao invés de amendoim. Ao deitar, o menino pedia que Augusto lhe contasse histórias para dormir. Uma das histórias que o irmão contou ao menino foi a da Casa da Madrinha de Alexandre. O menino sequer sabia que tinha uma madrinha e, até mesmo por isso, ficou encantado com tudo. Augusto contou que a Madrinha do menino morava no interior do Brasil, descreveu a casa e revelou a ele um segredo: somente Alexandre, Augusto e a madrinha sabiam que dentro da flor que havia numa porta azul ficava escondida a chave da casa.

Augusto contou ao menino que dentro da casa havia alguns objetos mágicos, como a cadeira que tinha vontades próprias, o armário que servia todos os tipos de comida e também um guarda-roupas que tinha todas as roupas que uma pessoa precisasse. Além disso, Augusto contou que, ao sair da Casa da Madrinha, esbarrou em uma maleta e, Alexandre, ao ouvir a descrição do objeto teve certeza de que se tratava da maleta perdida pela professora. O entusiasmo do menino aumentou ao pensar que poderia encontrar a maleta e devolver-lhe à professora. Augusto recebeu uma promessa de emprego e, ao despedir-se do irmão, prometeu

que voltaria para que eles viajassem até a casa mágica da Madrinha. Como isso não aconteceu, Alexandre decidiu procurar sozinho pela Casa da Madrinha.

Alexandre começou sua viagem e, em dado momento, encontrou um pavão lindo. Os dois se apresentaram e decidiram seguir viagem juntos. A ave já tinha passado pelas mãos de vários donos, todos eles queriam aproveitar-se de sua beleza. O animal não aceitava o fato de que os donos queriam lhe prender em um jardim para que ficasse exibindo suas belas penas e, por isso, resolveu fugir e saiu caminhando. Foi quando conheceu o marinheiro João das Mil e Uma Namoradas que lhe convidou para viajar com ele em seu navio. O animal ficou decepcionado ao perceber que o marinheiro era mais um que queria aproveitar-se de sua beleza, pois ele pegava as penas do Pavão para dar de presente para as suas várias namoradas.

Quando o galanteador conseguiu deixar o Pavão sem nenhuma pena, ele abandonou o animal em um porto. Por sorte, um veterinário encontrou o Pavão e resolveu levá-lo consigo para lhe tratar. Assim que ficou bom, o animal foi vendido a um zoológico, onde acabou sendo roubado por Seu Joca que era o vigia do estabelecimento.

Seu Joca adorava participar da bateria da escola de samba, mas sabia que a surdez e a velhice estavam prejudicando sua atuação. Ao pensar no que poderia fazer para que a escola não o dispensasse, o homem decidiu roubar o Pavão para oferecê-lo à escola por causa da sua beleza.

A escola de samba aceitou o animal, mas os organizadores da escola liberaram Seu Joca quando perceberam que, devido à surdez, ele não tocava mais no compasso da banca. Frustrado, o vigia decidiu roubar o Pavão da escola de samba para vendê-lo a uma família de Copacabana que anunciou o desejo de comprar um pavão, pois com o dinheiro poderia pagar uma cirurgia para tratar sua surdez.

Na nova residência, o Pavão era muito bem tratado e foi lá onde ele conheceu e se apaixonou pela Gata da Capa: uma gata que vivia no porão da casa em que ele morava. A amizade dos dois animais era muito especial, mas terminou tragicamente, quando a casa em que moravam foi vendida e destruída para a construção de um novo imóvel. O Pavão sabia que a Gata estava no porão, mas não adiantou nada, os operários derrubaram o prédio sem que ele tivesse tempo de agir.

Com a demolição da casa, o Pavão foi morar com uns amigos da família, mas um dia ele fugiu para procurar pela Gata. O pavão foi indo, foi indo, até que um dia encontrou Alexandre na estrada e os dois decidiram ir junto, toda a vida.

Alexandre e o Pavão começaram a fazer apresentações artísticas como forma de conseguir dinheiro para a alimentação. Num dos shows, eles conheceram Vera, uma menina curiosa que morava em um sítio com os pais. Compadecida com a história dos dois amigos, Vera decidiu levá-los até o sítio para que dormissem na casa de ferramentas. Mesmo com pena, os pais da menina decidiram que Alexandre e o Pavão deveriam sair

Alexandre ficou ofendido quando a amiga lhe informou que teria que ir embora. Ao discutirem, Vera magoou o menino ao dizer que toda a história da Casa da Madrinha não passava de invenção. Alexandre se sente insultado, mas pondera a colocação da amiga por entender que aquele pensamento era típico de adultos.

Quando decidiu ir embora, o menino teve uma vontade súbita de brincar de cavalo. As crianças inventaram um nome e, de tanto chamarem o cavalo, ele surgiu na vida real. Os três amigos montaram no cavalo Ah! que saiu em disparada e ultrapassou uma cerca que era o limite para as crianças. Num segundo, o cavalo sumiu, deixando os amigos no escuro. Pensando que fosse um castigo, as crianças ficaram com medo e, para se distraírem, resolveram brincar de desenhar no escuro. De forma mágica, ao desenharem uma porta, eles conseguem sair da escuridão e encontram o cavalo Ah! que os leva para a Casa da Madrinha.

Ao chegarem a casa, os amigos se deparam com todas aquelas coisas que Augusto havia descrito. O Pavão reencontrou a sua tão amada Gata da Capa e Alexandre encontrou a tão admirada maleta de surpresas da professora. Mas a alegria do menino fica maior ainda quando, de repente, chegou na casa seu irmão Augusto.

Augusto contou algumas histórias para os amigos de Alexandre e todos acabaram dormindo. Quando Vera acordou, decidiu ir embora sem que ninguém percebesse para que a felicidade de Alexandre não se acabasse. Mas o menino acordou e resolveu que todos deveriam ir junto com Vera: eles sobem no Ah!, mas ao passarem pela cerca tudo desaparece novamente. A menina ficou frustrada por ter feito Alexandre sair da casa que ele tanto quis encontrar, mas o menino lhe consolou dizendo que tinha certeza que um dia conseguiria voltar àquela casa mágica.

Alexandre ficou surpreso ao perceber a flor que servia como esconderijo da chave da Casa da madrinha estava dentro da sua mala. Ao pegar a flor, o menino observa que dentro dela ainda estava a chave da casa mágica. Feliz, ele constata que obteve uma das suas maiores conquistas, pois lembra que seu irmão lhe disse que quando pegasse a chave da casa e colocasse no bolso, o medo não iria mais ganhar dele. Confiante, Alexandre guardou a

chave no bolso e decidiu que agora irá viajar toda a vida, porque agora não há mais medo que possa vencê-lo.

Em *A Casa da Madrinha*, verificamos a existência de vários elementos que provocam reflexão a cerca dos problemas do universo infantil. O caráter de contestação está presente em toda a obra, como percebemos ao ver as denúncias feitas pela autora sobre o trabalho infantil, a falta de acesso à educação, o sistema educacional tradicional etc. É nesse sentido que podemos entender que a personagem de Alexandre é um símbolo de resistência, criado pela autora, para que ela pudesse realizar uma série de críticas sociais que estão diretamente ligadas ao mundo infanto-juvenil. Como percebemos na observação feita por Lajolo e Zilberman (2010, p. 126), Lygia Bojunga Nunes faz parte de um grupo de autores que utiliza-se da literatura para fazer uma crítica à sociedade:

“[...] A crítica mais radical da sociedade brasileira contemporânea, tematizada principalmente através da miséria e do sofrimento infantil, vai desde então se incorporando progressivamente. E se exprime numa representação realista do contexto social, a partir de 1977, com *Pivete*, de Henry Correia de Araújo, muito embora antes e depois dessa obra vários livros aludem à marginalização e pobreza: ... *A casa da Madrinha* (1978), de Lygia Bojunga Nunes; *Coisas de Menino* (1979), de Eliane Ganem, *Os meninos da Rua da Praia* (1979), de Sergio Caparelli”.

Entender o papel da literatura na vida das crianças é fundamental, pois é por meio dela que o individuo pode criar seu próprio universo, experimentar sonhos e fantasias, de forma a exercitar práticas que promovam o autoconhecimento e a auto-afirmação. Além disso, podemos considerar o papel formador da literatura, de acordo com Zilberman (2003, p. 29)

“[...] A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar uma função formadora, que não se confunde com uma missão psicológica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura.”

Ao analisarmos obras como *A Casa da Madrinha*, em que a autora traz ao leitor problemas que ele mesmo vivencia, temos que considerar o papel social da literatura. Pensar que a literatura reflete a vida da sociedade, mas também tem o poder de influenciá-la, a partir do momento em que gera reflexão e promove emancipação.

De acordo com Cândido (2002, p. 21):

“[...] A arte é social nos dois sentidos: depende da ação dos fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos

um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento de valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito de artistas e dos receptores da arte.”<sup>12</sup>

Lygia Bojunga Nunes, ao elaborar a personagem de Alexandre, vai ao encontro do conceito de Antonio Candido, pois ao mesmo tempo em que o menino é reflexo da sociedade, sua imagem também é, simbolicamente, um instrumento de reflexão sobre ela. Nesse contexto, identificamos a função social da literatura que promove reflexão e, por meio dela, possibilita uma postura transformadora, como vemos em Freire (1981, p. 61):

“[...] o desenvolvimento de uma consciência crítica, que permite ao homem transformar a realidade, é cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão também fazendo história, por sua própria atividade criadora.”<sup>13</sup>

O papel da literatura como fomentadora de reflexão fica evidente quando consideramos a análise feita por Abramovich (1997) que conclui que ao ter contato com uma história, a criança tem a possibilidade de descobrir outros lugares, outros tempos, outras formas de agir, e de ser, bem como outras regras, outra ética e outra ótica. Assim, ao ouvir ou ler uma história, a criança adquire conhecimento sobre história, filosofia, direito, política, sociedade, sem ter a necessidade de conhecer a nomenclatura destas questões. Além disso, o benefício de adquirir tais conhecimentos por meio das histórias é que a criança não vai ter a impressão de que isso tem a ver com uma aula convencional.<sup>14</sup>

Conforme Ligia Magalhães, Alexandre é mais uma das personagens que representa as dificuldades que a criança vive durante o processo de formação de identidade:

“[...] em *A casa da madrinha*, a personagem central também se evade da opressiva situação de precariedade econômica em que vivia, para buscar um mundo onde pudesse se mover com maior segurança e largueza.” (1984, p. 146)

A personagem de Alexandre é uma metáfora construída pela autora que simboliza vários problemas do universo infantil. Além de viver a dura realidade da miséria, o menino faz parte de uma família desestruturada que é mantida, financeiramente, basicamente com o rendimento dos filhos. É neste contexto que podemos avaliar a observação feita por Regina Zilberman, acerca das famílias que, como no caso de Alexandre, colocavam suas crianças no trabalho desde cedo: “[...] devido à necessidade premente de aumento de renda

<sup>12</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor. 2002.

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. p. 61.

<sup>14</sup> ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipicione, 2006. p. 17

familiar, os menores são jogados pelos pais no mundo com muito maior rapidez e violência. Por sua vez, os adultos não cumprem seu papel integralmente...” (2003, p.41)

A denúncia que a autora faz sobre a questão da família é muito importante: como o pai era alcoólatra, a mãe precisava ficar em casa para cuidar das crianças, sendo assim, o dinheiro que custeava as despesas da família era proveniente apenas do trabalho dos filhos. Augusto, irmão mais velho de Alexandre, trabalhava como ambulante desde pequeno para ajudar nas contas da casa e, quando chegou a época de o menino entrar na escola, demonstrou grande preocupação com a questão do estudo do irmão, talvez, como forma de desfazer-se dos prejuízos que ele sentira com relação à sua própria infância:

“Desde pequeno Augusto vendia sorvete na praia. Então um dia resolveu:  
 - O Alexandre não vai vender sorvete que nem a gente. Ele vai estudar. Vai estudar até ficar homem feito.  
 Matriculou Alexandre na escola; comprou uniforme, caderno, livro; levou ele pra aula no primeiro dia, e aí falou:  
 - Pronto garoto, agora bota a cuca pra funcionar.  
 E Alexandre botou. Gostava da escola. Davam merenda.”  
 (Nunes, 1978, p.36)<sup>15</sup>

No que tange à educação, a autora faz uma série de críticas. Por meio da personagem de Alexandre, Lygia Bojunga Nunes denuncia a situação de crianças que deixam de estudar para ajudar nas finanças da família, como consta na citação anterior; denuncia também o fato de que a educação não era tratada como um direito, mas como um privilégio. Além dessas questões, a autora faz uma crítica ao sistema educacional como um todo, evidenciando a posição opressora e castradora do sistema tradicional de ensino, utilizando-se das imagens da professora da maleta e do Pavão, como veremos mais adiante.

Também podemos observar o contexto de pobreza exposto na citação acima que dá conta de que Alexandre gostava da escola porque lá ele recebia merenda.

A posição do irmão Augusto sobre a necessidade do irmão mais novo estudar pode ser vista como uma tomada de decisão que reflete o entendimento de que o estudo era uma necessidade para aqueles que desejavam ter um futuro melhor. Importante notar que em nenhum momento no desenrolar da narrativa o acesso à educação é considerado como um direito social que está garantido pela Constituição Federal, em seu 6º artigo (1994, p. 70-71):

---

<sup>15</sup> NUNES, Lygia Bojunga. *A Casa da Madrinha*. 11. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1978. p 36. Todas as citações feitas neste capítulo foram retiradas desta edição.

“[...] Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”<sup>16</sup>

A questão do ensino como garantia de um futuro digno se apresenta também quanto ao desejo profissional do menino que se entusiasma ao pensar no que irá fazer quando crescer. Podemos evidenciar tal situação a partir da leitura do episódio em que aparecem as perspectivas do menino Alexandre com relação à escola (Nunes, 1978, p. 36): “[...] E contava que ia estudar muitos anos, que nem o pessoal lá de baixo; estava numa dúvida danada se ia ser médico do coração ou dos dentes...”

Na passagem transcrita, percebemos a diferenciação de classe social que é feita por moradores “lá de cima” e “lá de baixo”: os que moram em cima do morro, vivem na favela, são pobres; já os que moram lá em baixo vivem na cidade e fazem parte da burguesia. Ao possibilitar que sua personagem Alexandre dissesse que iria “estudar por muitos anos, que nem o pessoal lá de baixo”, a autora evidencia o fato de que as crianças da favela não conseguiam permanecer na escola por um período muito longo.

Pouco tempo depois de Alexandre ingressar na escola, além de a irmã mais velha se casar e ir embora com o marido, o irmão mais velho ficou doente e teve que ir para o hospital, fazendo com que a renda diminuísse ainda mais. Diante disso, resolveram:

“ - É melhor Alexandre parar de estudar e ficar trabalhando também: ele tava ganhando um dinheiro bom na praia.  
Alexandre não disse nada; ficou olhando para Augusto. Augusto resolveu:  
- Não. Ele tá indo muito bem na escola, deixa ele lá. O jeito é me virar mais um pouco.  
E Alexandre continuou estudando. No meio do ano já pulou pra uma turma mais adiantada.”  
(p. 37)

Frequentar a escola, apesar de direito, parecia ser um privilégio para Alexandre. Como o menino era bastante aplicado aos estudos, foi encaminhado para uma turma mais adiantada, em que teve a surpresa de conhecer a “professora da maleta”. As aulas dessa professora eram muito diferentes, pois ela trabalhava com uma metodologia que nada tinha a ver com o método tradicional de ensino: as atividades propostas por ela tinham a ver com a realidade dos alunos e faziam parte de um projeto que compreendia a necessidade do lúdico na escola.

<sup>16</sup> BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: UNICEF, 1994. p. 70-71.

No que diz respeito à crítica elaborada pela autora ao sistema educacional tradicional, temos dois episódios que são descritos no livro, referentes às aulas da professora que deixam claro o caráter opressor da escola. A autora, ao mesmo tempo em que constrói a problemática em questão como uma crítica, também promove uma reflexão sobre o papel da sociedade, em geral, no que diz respeito à educação das crianças:

“[...] Um dia a diretora entrou na classe justo na hora em que Alexandre estava ensinando outro garoto a fazer uns bolinhos de trigo. Uma fumaceira medonha na sala. Tudo quanto é criança em volta do fogão palpitando: falta mais sal! Bota pimenta! Bota um pouquinho de salsa! A diretora sabia que estava na hora da aula de matemática. Que matemática era aquela que a Professora estava inventando? Não gostou da invenção. Mas saiu sem dizer nada.”  
(p. 37 e 38)

“[...] No dia que Alexandre achou o pacote, resolveu contar para a turma como é que ele vendia amendoim na praia. No melhor da aula, um grupo de pais de alunos, que estava visitando a escola, entrou na sala. Quando a aula acabou, um deles perguntou pra Professora:  
- A senhora está querendo ensinar meu filho a ganhar a vida vendendo amendoim?”  
(p.38)

No primeiro episódio citado acima, percebemos a posição alienada da escola de não entender como legítima uma atividade culinária que tem como conteúdo um tema que tem a ver com a aula de matemática: a diretora não entende que uma aula de fração, por exemplo, possa ser dada por meio de uma atividade que tenha como objetivo produzir um bolo. Posteriormente, percebemos a insatisfação de um pai que não considera produtivo que seu filho saiba como é a vida de uma criança que, além de estudante, é vendedor ambulante, pois tem que ajudar nas contas da casa. Aqui, temos uma crítica que leva em conta, também, a postura preconceituosa e insensata da sociedade que, além de não promover justiça social, não aceita a convivência entre as diferenças.

Mesmo com a conquista do gosto dos alunos com suas atividades lúdicas e inusitadas, a direção da escola de Alexandre não estava satisfeita com o trabalho desenvolvido pela Professora da maleta. Ao construir a personagem da professora, a autora organiza uma crítica ao sistema educacional que não permite a aplicação de metodologias especiais que considerem o aluno como um todo, promovendo desde o prazer de aprender até o respeito do universo psicológico infantil, pois isso representaria uma ruptura com o esquema educacional praticado pela escola.

Quando o menino encontra a professora sem sua maleta, evidenciando uma metáfora com relação à castração que recebeu quanto aos seus métodos de trabalho, ela diz

que perdeu a maleta com tudo que tinha dentro. A construção é uma bonita metáfora que consegue imprimir a beleza do momento, mas que não deixa de lado a importante crítica que a autora pretendia fazer ao sistema educacional tradicional que, com seus métodos opressores, impossibilita a inovação e poda as atividades criativas. É neste sentido que podemos avaliar a observação feita por Regina Zilberman (2003, p.22), sobre o papel da escola na sociedade:

“As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, em seu lugar, o normativo. Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados, os conflitos que persistem no plano coletivo; por sua vez, o espaço que se abre é ocupado pelas normas e pelos valores da classe dominante, transmitidos ao estudante.”

Augusto decidiu se casar e, com sua saída iminente de casa, a necessidade de Alexandre voltar a fazer suas vendas fica evidente. Apesar do esforço do irmão Augusto, a experiência de Alexandre dentro da instituição escolar durou pouco tempo:

“ A mãe de Alexandre falou:  
 - Quem sabe não é melhor o Alexandre parar de estudar para ficar trabalhando?  
 Alexandre não disse nada, só olhou para Augusto.  
 [...]
 Augusto levantou e foi pra janela espiar a vista; depois disse:  
 - É por pouco tempo, Alexandre.”  
 (p.41)

Alexandre voltou a trabalhar e sempre que ficava sem sono pedia que Augusto lhe contasse uma história para dormir. Certa vez, o irmão contou ao menino que ele tinha uma madrinha e que ela tinha uma casa mágica no interior do Brasil. Augusto faz tantas descrições sobre a casa que deixa Alexandre muito entusiasmado: ele conta ao menino que a madrinha morava em uma casa linda, que ficava no alto de um morro, tapado de flores e que tinha vista para o mar. A casa era toda branca e possuía quatro janelas e uma porta azul. Nessa porta, havia uma flor que continha, dentro dela, a chave da casa. A chave tem papel simbólico duplo, pois ao mesmo tempo em que representa o poder de decisão também representa a vitória de Alexandre sobre o medo, afinal, Augusto afirmou ao menino que quando tivesse a chave da casa no bolso, o medo estaria vencido.

Importante percebermos a presença da literatura, em seu aspecto de oralidade, no que tange à postura de Augusto como um contador de histórias. Pensando no estudo de Antônio Candido que dá conta do papel da literatura como sendo promotora de reflexão,

podemos evidenciar a evidência deste aspecto ao constatarmos que o menino Alexandre sofria as influências da literatura oral praticada por seu irmão.

Considerando a importância do papel de Augusto como contador de histórias, verificamos a análise sobre o efeito de narrar histórias às crianças, feita por Bettelheim (2002) que define que, no que diz respeito aos contos de fadas, por exemplo, a narração é superior ao exercício da leitura por ser, por meio da primeira, que poderá se atingir totalmente seus significados simbólicos e, acima de tudo, seus significados interpessoais. Contar a história apresenta maior valor, segundo o autor, pois permite maior flexibilidade. Relacionado a isso, está a idéia do autor de que as histórias que eram passadas de geração em geração são carregadas de cultura, de forma que foram os narradores tendo que adaptar as narrativas de acordo com os questionamentos feitos pelas crianças.

Ainda de acordo com Bettelheim (2002, p. 164) “[...] a narrativa de uma estória para uma criança, para ser mais eficaz, tem de ser um evento interpessoal, moldado pelos que participam nela.” Assim, podemos perceber a questão da literatura oral e a influência que ela gerou na vida do menino Alexandre, uma vez que, impulsionado pela fantasia que se apresentava nas histórias contadas pelo irmão, o menino foi em busca de uma transformação da sua condição.

Notamos conforme a citação anterior, que o papel que Augusto desempenhava como narrador está de acordo com a proposição de Bettelheim, pois o texto de *A Casa da Madrinha* nos permite inferir que o irmão mais velho de Alexandre organizava suas narrativas de acordo com a possibilidade de compressão que o menino tinha, de forma a formular suas histórias sempre levando em conta a posição do seu ouvinte.

Quando Augusto conta diferentes histórias a Alexandre, podemos perceber o papel emancipatório que a literatura possui. É por meio das narrativas contadas pelo irmão que o menino vivencia sua experiência literária de forma mais profunda, pois são elas que despertam em Alexandre emoções e sentimentos que o fazem ter coragem de seguir em frente, em direção ao processo de construção da sua identidade.

Para Abramovich (1993), a literatura é fundamental no processo de formação de identidade, pois entende que é ela uma das responsáveis pela aquisição da leitura não apenas no que tange ao texto, mas também no que diz respeito à vida em geral. Conforme a autora, o ato de ouvir histórias é indispensável para o indivíduo, é por meio das histórias que a criança ouve que ela é direcionada para a estrada do conhecimento:

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”. (ABRAVOMICH, 1993, P. 16)

Ao refletirmos sobre a posição de Abravomich, constatamos que o contato da criança com a história, seja ao ler ou ao ouvir uma delas, lhe permite, mais do que sentir o prazer da fantasia, construir suas idéias, ampliar seu vocabulário, desenvolver sua personalidade e progredir no que diz respeito ao seu processo de formação enquanto indivíduo.

Considerando ainda o papel de Augusto, percebemos a questão do efeito que sua narrativa provocava sobre o irmão e, de acordo com isso, se faz coerente avaliar a colocação de Zilberman (2008, p. 25):

[...] a literatura provoca no leitor um efeito duplo que aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior: mas suscita um posicionamento intelectual uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê.<sup>17</sup>

Ao observarmos a posição de Zilberman sobre a literatura, podemos pensar na intencionalidade de Lygia Bojunga Nunes ao construir a imagem da casa, proposta por Augusto a Alexandre. A casa da madrinha, em si, carrega uma simbologia muito especial: a casa representa o lar, a família, a conquista dos seus desejos, a felicidade. Além disso, conforme Lajolo e Zilberman (2010) a alusão à atividade urbana acentua a idealização de campo, alçado à condição de paraíso perdido.

A rica simbologia que envolve a imagem da casa e o caso do Pavão e da Gata que falantes dão à obra um cunho bastante fantasioso, que agrada ao público infantil em geral. A Casa da Madrinha, embora se localize no interior, tem vista para o mar. Embora essa construção contrarie a realidade, tal recurso de escrita é assegurado pelos conceitos da literatura fantástica.

Afinal, de acordo com Bettelheim (2002, p.76): “[...] A criança intuitivamente compreende que, embora estas histórias sejam *irreais*, não são *falsas*; que ao mesmo tempo em que os fatos narrados não acontecem na vida real, podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal.”

Alexandre acreditou na combinação feita entre ele e o irmão mais velho de que eles, no verão, iriam visitar a Casa da Madrinha, mas com o passar do tempo, percebeu que

---

<sup>17</sup> SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. **Literatura e Pedagogia: Ponto & Contraponto**. 2 ed. São Paulo: Global, 2008, p. 25.

Augusto não voltaria e decidiu ir sozinho em busca do seu desejo. A força do menino de decidir por trilhar seu próprio caminho, na busca pela realização do seu desejo, simboliza o seu processo de afirmação enquanto indivíduo. Nessa perspectiva, Bettelheim (2002) define a obra infantil como sendo aquela que, enquanto diverte a criança, oferece esclarecimento sobre ela mesmo, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade.

Alexandre decidiu sair em viagem, mesmo não sabendo ao certo o caminho que deveria percorrer. E é na estrada que o menino vai conhecer seu grande parceiro nessa jornada pela busca da Casa da Madrinha: o Pavão. O animal contou para o novo amigo a sua história: contou que teve vários donos, sendo que todos eles queriam aproveitar-se de sua beleza, que foi colocado em uma escola que atrasou seu pensamento, que foi roubado, roubado de novo, vendido e, por fim, que havia fugido para procurar sua amiga, a Gata da Capa. Quando se tornam amigos da menina Vera, foi ele quem teve que contar a história do Pavão para ela, por conta do atraso que foi provocado em seu pensamento:

“Topou nada! Ficou danado da vida de ver aparecer tanto dono de repente. E quando viu que queriam prender ele num jardinzinho à-toa pra se exibir o tempo todo, ainda ficou mais zangado. Logo ele que vivia pensando em viajar, um dia pegar um navio e atravessar o mar todinho. Falou: ‘Não topo mesmo’. Então prenderam ele pela pata. Mas ele se soltou. Prenderam ele pelo pescoço. Ele se soltou. Prenderam ele pelas penas com uma corda grossa assim. Ele deu um puxão, deixou uma porção de penas na corda e foi andando pro porto pra ver se encontrava um navio. Ai perderam a paciência e resolveram: ‘Vamos acabar de uma vez com a mania desse cara se soltar’. E então levaram o Pavão pra uma escola que tinha lá perto e quer era uma escola feita de propósito para atrasar o pensamento dos alunos.” (p.23)

Também como no caso da imagem da professora, a autora utiliza a imagem do Pavão como um instrumento de crítica ao sistema educacional tradicional. Os problemas na vida do Pavão se iniciam quando ele não aceita se submeter aos desejos de seus donos que querem que ele fique passeando de um lado para o outro, exibindo sua plumagem.

Por conta da rebeldia do Pavão, os donos decidem lhe enviar para a escola “OSARTA DO PENSAMENTO”. O nome da escola é sugestivo e permite aguçar a leitura crítica por parte do leitor, pois se lermos ao contrário o nome “OSARTA”, perceberemos que o nome é, na verdade, “ATRASSO”, ou seja, a escola tinha como objetivo atrasar o pensamento dos seus alunos. É neste contexto que percebemos, mais uma vez, o tom crítico, mas, ao mesmo tempo lúdico que a autora utiliza para criticar a escola que finge estar comprometida com o desenvolvimento de cidadãos críticos, mas que, na verdade, é estritamente castradora.

Com relação à viagem de Alexandre, a questão de um menino sair sem rumo é também uma maneira de a autora demonstrar o grau de desajuste da família em questão, como forma de realizar uma crítica da sociedade em geral. Por se tratar de uma narrativa não linear, somente quando o menino conhece Vera é que vemos o que se passou quando ele anunciou para a sua família que iria viajar. O diálogo abaixo, entre o menino e a menina, começa com ele contando de sua experiência de vendedor e depois explica como foi sua despedida da família:

“- Comecei vendendo biscoito, eu era muito pequeno, tinha que carregar coisa leve. Cresci um pouco e passei pra amendoim... Cresci mais um pouco e passei pra sorvete... Um peso que vou te contar. Mas agora tem tanta gente vendendo sorvete que eu ando cinco, seis vezes a praia todinha e não vendo quase nada. Primeiro era mais Copacabana que tinha esse monte de viração. Mas Ipanema também entupiu. E então eu disse lá em casa: a vida na praia ta muito apertada, acho que vou viajar. Mas então era domingo, e falaram: domingo de sol, a praia ta cheia, vai trabalhar. Eu fui. Mas só de despedida. Porque eu já tinha resolvido que ia mesmo viajar. Até que eu dei sorte, sabe? Vendi quase tudo que levei. Sobrou só uns dois ou três que eu comi. Pedi pra um colega levar o dinheiro pro patrão dizendo que eu mandava um abraço de despedida, a caixa era do Augusto e então eu fiquei com ela para servir de mala, passei lá em casa pra dar tchau pro pessoal, e com tudo despedido me mandei.  
- E o teu pessoal não se importou?  
- Não. Eu disse que ia visitar minha madrinha; eles falaram ‘até que enfim você dá bola pra ela’.”  
(p. 16, 17)

A construção feita por Lygia Bojunga Nunes representa o desejo de superação: a vontade do menino pobre de sair da sua situação de miséria que, evidentemente não tem aspectos físicos bonitos, e ir para um lugar em que a natureza é suprema em sua beleza.

No trecho acima, percebemos a postura afirmativa do menino que, mesmo com todas as dificuldades impostas pelo seu cotidiano e com a falta de estrutura familiar, decide ir em busca do seu sonho de encontrar a casa de sua madrinha. A postura do menino de busca por auto-afirmação e superação, surpreende o leitor, pois Alexandre não desanimou com nenhum dos percalços porque passou, ao contrário, sempre demonstrou entusiasmo e dedicação para com o seu desejo de encontrar a casa mágica descrita por seu irmão. Neste sentido, tal idéia vai ao encontro do que afirma Bettelheim (2002, p. 6) sobre os contos de fadas:

“[...] que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.”

A autora escreve sobre a realidade da sociedade, denunciando os problemas sócio-econômicos no que tange à vida das crianças, como percebemos no episódio em que

Alexandre vai para o centro da cidade tentar a vida como tomador de taxi, com a idéia de que isso lhe daria mais dinheiro: “[...] Era duro. Tinha que escapar de ser atropelado, tinha que escapar de ser empurrado, tinha que escapar de tanta coisa, que chegava em casa de língua de fora.” (p. 53)

Os problemas do cotidiano, sempre presentes na obra de Lygia Bojunga Nunes, apresentam-se como desafios na vida do menino Alexandre. De acordo com Marchi (2000, p. 203) “[...] se os problemas do dia-a-dia amedrontam, se a luta pela sobrevivência numa sociedade discriminatória gera insegurança e medo, a casa da madrinha permite que o sonho e a esperança ganhem espaço.” É neste contexto que entendemos a utilização de elementos do fantástico ao longo da narrativa, pois é uma forma que a autora encontra para dar autonomia à personagem em sua busca pela auto-afirmação. Também com relação ao uso da fantasia em histórias infantis, Bettelheim afirma (2002, p. 40) que “[...] o conto de fadas oferece materiais de fantasia que sugerem à criança sob forma simbólica o significado de toda batalha para conseguir uma auto-realização, e garante um final feliz.”

No que tange à estrutura de *A Casa da Madrinha*, temos o fato de a obra não ser construída de forma linear. O livro é dividido em pequenos capítulos que se encadeiam, mas sem compromisso cronológico. Isso fica claro quando se observa o primeiro capítulo, por exemplo, em que encontramos Alexandre fazendo uma de suas apresentações artísticas com seu amigo Pavão. Somente ao longo do livro é que a autora apresenta a história anterior do menino Alexandre. Esse recurso coloca em evidência um tempo psicológico em que os fatos são apresentados conforme a sua importância e significado e não conforme uma cronologia.

Ainda com relação à estrutura da obra, no que diz respeito à construção da narrativa, ela se apresenta predominantemente pelo uso do diálogo, recurso esse que promove uma sensação de fluidez à leitura. Os diálogos são construídos como forma de promover uma discussão sobre as dificuldades da criança no mundo adulto e, para isso, a autora faz uso de uma linguagem coloquial. Segundo Marchi (2000, p.197), “a posição da autora em relação ao mundo infantil e, particularmente, em relação ao seu leitor, reflete-se também na representação do discurso da criança ao adotar estratégias que lhe dêem voz, como posição do narrador e a perspectiva por esse adotada.”

Lygia Bojunga Nunes, ao se preocupar com o papel da criança, utiliza recursos provenientes do gênero fantástico para dar força à narrativa. Nota-se que a fruição que possui o texto está ligada ao uso de uma linguagem simbólica e à fantasia, pois, de acordo com

Marchi (2000), é por conta da utilização destes elementos que a autora consegue atingir uma identificação completa do leitor com o texto que ela escreve.<sup>10</sup>

Associada à linguagem simbólica, a fantasia constitui um importante elemento em *A Casa da Madrinha*. Ao elaborar a narrativa, a autora, além de construir personagens que são animais falantes, desenvolve enredos que são próprios do conceito de fantasia. É fundamental considerar a importância da fantasia nos textos direcionados à infância, pois é ela um instrumento mágico que dá aporte psicológico e emocional às crianças, em seu processo de descoberta do mundo. Neste sentido podemos perceber a obra literária como aquela que, bem com os contos de fadas, longe de fazer solicitações, reassegura, dá esperança para o futuro, e oferece a promessa de um final feliz (BETTELHEIM, 2002, p. 26)

Para Zilberman (2008, p. 37):

“O mais importante é que a fantasia dá forma compreensível àqueles fenômenos, que transparece por meio de ações e figuras, relações entre elas, saídas para os problemas levantados. E porque a forma empregada é compreensível, pode ser adotada por outros indivíduos, que, assim, têm condições de entender suas próprias dificuldades, refletir sobre elas, buscar um caminho para seus dramas. A fantasia transfere esse forma para a literatura, e o leitor procura ali os elementos que expressam seu mundo interior.”

Ainda com relação à questão da fantasia, podemos verificar que as construções de Lygia Bojunga Nunes são elaboradas de forma a relacionar-se com problemas da realidade social das crianças a quem a obra é direcionada. Podemos perceber isso quando verificamos episódios como o em que Alexandre inventa o cavalo Ah! ao perceber que o momento de despedir-se da amiga seria inevitável:

“[...] Ficaram sem dizer nada. Só vendo os riscos no chão.  
O Pavão suspirou tremidinho.  
De repente, Alexandre e Vera se olharam. E aí Alexandre resolveu ir embora de uma vez e pronto. Mas quando foi dizer tchau saiu uma pergunta que ele nem estava esperando nem nada:  
- Vamos andar a cavalo?  
- Onde é que tem cavalo?  
- A gente inventa um.”  
(p. 76).

A criação de Lygia Bojunga Nunes é feita de forma natural, contextualizando mundo real e mundo imaginário em episódios coesos e coerentes como o citado assim. De acordo com Zilberman (2008, p.36), “[...] alojada no coração dos problemas de um indivíduo, a fantasia não pode ser escapista; nem as imagens que ela libera desligam-se do cotidiano ou da existência dos homens com os quais o artista convive.”

Visto por este prisma, verificamos o papel do fantástico de permitir à criança novas possibilidades de perceber a realidade que a cerca e refletir sobre ela. Em um dos episódios que segue a invenção do cavalo Ah!, temos um momento em que a autora utiliza da fantasia para promover reflexão sobre o medo. Sem conseguir dominar o galope do cavalo imaginário, Alexandre, Vera e o Pavão acabam passando por uma cerca que era imposta como limite pelos adultos. Quando passam para o outro lado, o cavalo Ah! desaparece, tudo fica escuro e surge o medo que é interpretado como castigo à desobediência quanto ao limite físico da cerca, mas Alexandre faz uma reflexão sobre o medo e percebe que precisava enfrentá-lo de frente:

“- Ta vendo? Bem que eles disseram que a gente não podia passar pro lado de cá da cerca. É castigo.  
 - Castigo?  
 - Castigo, sim.  
 - Esse escuro todo.  
 - Mas castigo por quê?  
 - Porque disseram que a gente só podia ir até a cerca. E a gente passou.  
 - O escuro é ruim, a gente tem medo dele.  
 Alexandre ficou quieto. Depois perguntou:  
 - E a gente perdendo o medo, não fica pensando em castigo nenhum, aposto.  
 O Pavão suspirou tremidinho. Vera cochichou:  
 - Mas como é que a gente vai perder o medo se ta com um medo danado?  
 - Pois é.  
 [...]
 De repente, de tanto falar no medo, ficaram com a impressão certinha que o medo estava bem perto; era só estender a mão que pronto: tocavam nele.”  
 (1990, p. 79-80)

Os amigos resolvem brincar de desenhar no escuro para encarar o medo e, ao desenhar uma porta, eles conseguem sair do medo e da escuridão. Quando passam para o outro lado da porta, encontram o cavalo Ah! que os leva até uma casa que era exatamente como Augusto descreveu a Casa da Madrinha quando contou a história para Alexandre. A partir do conteúdo e do contexto da citação anterior, podemos refletir a partir da reflexão de Bettelheim (2002, p.77), para quem: “[...] ao mesmo tempo que os contos de fadas invariavelmente apontam o caminho para um futuro melhor, concentram-se no processo de mudança mais do que na descrição dos detalhes exatos da felicidade a ser conseguida no final.”. Ao verificarmos a mudança de postura de Alexandre, a partir do momento que decidiu encarar o medo e refletir sobre ele, notamos o papel emancipatório da história infantil, que não está ligado ao seu fim, mas sim ao processo de amadurecimento vivido por suas personagens.

O papel da fantasia como instrumento de aproximação e reflexão sobre a realidade se evidencia no episódio citado na situação em que as crianças são levadas a pensar sobre o medo. Sendo a fantasia um instrumento da arte literária capaz de promover autoconhecimento e emancipação, é relevante a colocação de Romão e Pacífico (2006, p. 34) de que “[...] é fundamental levar em consideração que a leitura também possui uma força criativa, capaz de produzir uma mudança no comportamento do leitor, permitindo-lhe sair da passividade e mostrar sua vivacidade.”

De acordo com Bettelheim (2002, p. 65), “[...] uma criança defrontada com problemas e situações cotidianas que lhe causam perplexidade é estimulada, no seu aprendizado, a compreender o 'como' e o 'por que' de tais situações, e a buscar soluções.” Compreendemos, assim, o papel social que possui a obra literária, pois no caso de *A Casa da Madrinha*, uma vez que se evidencia a experiência de descoberta e transformação que a personagem principal vive em relação ao mundo e em relação a si, possibilita-se ao leitor, também, jogar-se no mundo do autoconhecimento como vemos que fez o menino Alexandre ao longo de suas aventuras.

## CONCLUSÃO

Compreender a literatura como sendo uma forma de arte que reflete a sociedade, mas que também pode influenciá-la é essencial para pensarmos na sua importância como um instrumento de transformação.

A literatura tem o poder de despertar inúmeras sensações e sentimentos de forma a possibilitar ao leitor o ingresso em um mundo diferente, em que ele mesmo pode ser o autor da sua própria história. É neste sentido que entendemos o importante papel da literatura, especialmente a literatura voltada às crianças.

A literatura infantil, mais que entreter, deve estar comprometida com o seu leitor, com suas necessidades e possibilidades de compreensão. A partir deste entendimento, podemos perceber a grandiosidade do conjunto de obras da autora gaúcha Lygia Bojunga Nunes, pois suas histórias são voltadas ao universo infantil, consideram o período de formação da criança, sem menosprezar sua inteligência.

Considerada uma das autoras mais expressivas da atualidade, comparada inclusive ao autor maior da literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato, Lygia Bojunga Nunes recebeu reconhecimento de suas obras por sua inigualável capacidade de discutir os problemas mais diversos de forma sensível e criativa, além, é claro do seu estilo narrativo que se distingue pelo estilo coloquial. Considerando o aspecto coloquial de sua literatura, podemos observar a capacidade criativa da autora que, utilizando-se de diferentes recursos lingüísticos, atinge uma posição inovadora e distancia-se do convencionalismo adotado por inúmeros autores.

No que diz respeito à escrita, a autora destaca-se pela criação de narrativas intensas, em que o diálogo aparece constantemente de forma a aproximar o leitor da obra de forma instantânea. Sem distanciar-se da realidade de seus leitores, a autora cria narrativas a partir de elementos fantásticos que funcionam como mecanismos de apresentação de conflitos vivenciados pelas crianças ao longo do seu processo de amadurecimento. Além de diferenciar-se de muitos autores pela forma de escrever, por sua capacidade de unir o real e o fantástico como uma ferramenta de criação, a autora também se salienta pelo conteúdo de suas obras, pois trata de temas que, apesar de fazerem parte do universo infantil, não são discutidos com as crianças. Por entender que é indispensável ao leitor infantil refletir sobre a vida, a autora aborda, em suas narrativas, problemas reais que fazem parte do processo de

crescimento, a partir de construções que, embora retratando a realidade, reveste-se de fantasia como forma de suavizar a reflexão dos temas que ela propõe.

A autora escreve para as crianças e, ao comprometer-se com esse leitor e respeitar seu processo de formação como indivíduo, lhe propõe a construção de uma posição crítica quanto aos problemas sociais vividos por ele mesmo. A literatura infantil de Lygia Bojunga Nunes recria ao seu leitor a realidade social em que ele está inserido, ao representar o seu cotidiano, lhe permite refletir sobre os mais diferentes assuntos, por entender a necessidade de direcionar a criança ao caminho da preparação para a vida. Assim, evidenciamos o papel de engajamento social da literatura da autora, pois verificamos seu posicionamento de contestação, uma vez que ela utiliza-se das obras literárias para direcionar diversas críticas à sociedade e, por meio delas, provocar reflexão e promover a formação de uma postura crítica.

Ao estudar as obras *A Bolsa Amarela* (1976) e *A Casa da madrinha* (1978) foi possível compreender a importância social da arte literária, pois a autora utiliza-se da literatura para promover uma série de denúncias acerca de problemas sociais que atingem a infância e a adolescência.

Quanto à obra *A Bolsa Amarela*, evidenciamos a crítica feita pela autora a partir da história da personagem Raquel que sofre com a falta de estrutura familiar, a falta de respeito no que diz respeito à sua condição de infante, bem como a falta de amparo psicológico e emocional quanto ao seu processo de amadurecimento. Ao considerar estes problemas, a autora retrata o sofrimento e a angústia da menina que teve que construir seu próprio mundo para poder lidar com as dificuldades impostas pela busca da auto-afirmação. Sob este aspecto, a autora permite ao seu leitor uma reflexão sobre sua condição enquanto indivíduo a partir da identificação vivenciada por ele ao relacionar-se com a personagem Raquel, bem como permite a ele a construção de um posicionamento crítico quanto às denúncias apresentadas ao longo da narrativa.

Enquanto em *A Bolsa Amarela*, notou-se uma inclinação maior por parte da autora com relação à necessidade de denunciar os problemas psicológicos e emocionais sofridos pelas crianças ao longo do seu processo de crescimento, mesmo tendo sido feita uma crítica quanto à estrutura familiar tradicional; na obra *A Casa da Madrinha* a autora faz uma forte crítica à sociedade, em geral, abordando temas como o trabalho infantil, o abandono social e à falta de estrutura familiar.

Ao contar a história do menino Alexandre, um garoto pobre que precisa deixar de estudar para poder ajudar nas despesas da família, Lygia Bojunga Nunes direciona à sociedade uma crítica no que diz respeito ao fato de que ela além de não garantir às crianças o acesso à escola, promove uma educação castradora.

Verificou-se a importante presença dos elementos de cunho fantástico, ao longo das duas obras analisadas, no sentido de serem eles os responsáveis pela suavidade com que temas tão sérios são tratados. Seja por objetos que ganham vida e se tornam personagens juntamente com as crianças que protagonizam as histórias, como é o caso do Alfinete de Fraldas e da Guarda-Chuvas; seja por animais que falam, como é o caso do Galo Rei e do Pavão; as obras que foram estudadas no decorrer deste trabalho permitiram constatar que a magia utilizada pela autora, para elaborar suas histórias, funciona como um instrumento de aporte à criança, no que diz respeito à necessidade de sentir-se segura em seu processo de amadurecimento. Sob este prisma, entendemos que é a utilização da fantasia uma das formas de possibilitar um processo emancipatório ao leitor, uma vez que é por meio dela que o leitor infantil consegue distanciar-se da sua própria realidade para poder refletir sobre ela.

Embora se perceba que *Alexandre* e *Raquel* viviam em realidades totalmente distintas, foi possível identificar, nas obras estudadas, que a proposta de Lygia Bojunga Nunes é promover uma reflexão acerca dos problemas que giram em torno do universo infantil. Ao elaborar histórias permeadas de fantasia, a autora não deixa de lado a necessidade de expor a realidade social. Ao percebermos que as duas protagonistas dos livros estudados vivem dificuldades diferentes, mas ambos estão envolvidos, de forma profunda e incessante, na busca pela auto-afirmação, evidenciou-se a preocupação da autora quanto ao seu leitor.

As narrativas da autora permitem ao leitor a identificação com as personagens, seja por meio da realidade ou da fantasia, de forma que, a partir das histórias vivenciadas por elas, os pequenos conseguem afirmar-se enquanto sujeitos na busca pelo amadurecimento. Assim, foi possível compreender que, ao expor problemas e conflitos do mundo infantil, a autora construiu personagens corajosos e decididos, no que diz respeito ao desejo de vencer as dificuldades impostas pelo processo de crescimento, capazes de enfrentar os problemas e conflitos que permeiam o mundo infantil, sem deixar que angústia vencesse a alegria de viver. Depreendemos assim, que a autora construiu personagens fortes com o objetivo que a identificação que a literatura infantil promove entre leitor e personagem provocasse no leitor

a certeza de que a busca por significados da vida vale a pena e que a literatura é um instrumento capaz de auxiliá-lo neste caminho.

Com a análise feita sobre as obras estudadas, percebeu-se que, embora Lygia Bojunga Nunes elabore suas histórias a partir da infância, a autora consegue atingir temas relacionados a todas as idades. A partir da criação de histórias que tem a ver com a realidade da sociedade, a autora possibilita ao leitor uma identificação entre a sua vida e à vida das personagens de suas obras. Assim, por meio deste reconhecimento, a autora promove mais que uma reflexão, uma

Ao evidenciarmos a identificação que a autora promove entre o leitor e as personagens que cria, percebemos seu intuito de promover uma posição de cunho transformador, uma vez que, ao identificar-se, o leitor afirma-se e encoraja-se na busca pela emancipação, comprovando assim a íntima relação entre a vida e a literatura. Assim sendo, entendemos como atingido o objetivo proposto pelo presente trabalho, pois evidenciamos o caráter transformador que o texto literário pode ter com relação ao leitor.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipicione, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. 33 ed. Rio de Janeiro: CASA LYGIA BOJUNGA, 2004.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: UNICEF, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor. 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) **História Social da Infância no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira, História e Histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para as crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 1 ed. São Paulo: Global, 1986.
- MAGALHÃES, Ligia Cademartori; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- MARCHI, Diana Maria. **A literatura Infantil Gaúcha: uma história possível**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.
- NARDES, Laura Battisti. **Literatura infanto-juvenil: estética literária em Lygia Bojunga Nunes**. Campo Grande: Ed. do autor, 1991.
- NUNES, Lygia Bojunga. **A Casa da Madrinha**. 11. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Livro: um encontro**. 2004, EDIÇÃO, Rio de Janeiro: 2004.
- \_\_\_\_\_. **O Rio e eu**. 1999,
- SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. **Literatura e Pedagogia: Ponto & Contraponto**. 2 ed. São Paulo: Global.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 1ª ed. Curitiba: IBPEX, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.

